

A ARBITRARIEDADE DO SENTIDO E DO PODER EM *ÁJAX* 1047-1162¹

Christian Werner
[Universidade de São Paulo]

ABSTRACT

A detailed analysis of *Ajax* 1047-1162 indicates the way different political protocols familiar to 5th century Athenians could be articulated in the speeches of a tragedy. If we pay attention to the presence of epic strata, to the expression of multiple passions that determine actions and speeches, and also to some comic or quasi-comic moments, then it can be perceived that neither Menelaus nor Teucer defend or represent coherently a political regime. The text shows to the spectator, first of all, the limits of speech and power.

Keywords: tragedy; Sophocles; *Ajax*; politics; Homeric epos.

No contexto da tragédia *Ájax*, de Sófocles, são duas as coletividades que necessitam de algum tipo de liderança: o exército heleno, comandado por Agamêmnon, que, por sua vez, é secundado por Menelau e Odisseu; e uma das tropas que o compõem, a dos homens de Salamina, liderada por *Ájax*. É justamente em torno de Agamêmnon, Menelau e Odisseu, além de Teucro, que se constitui a segunda parte da peça, cujo foco é o funeral de *Ájax*, ou seja, o destino que será dado ao seu corpo. A cena da qual participa Menelau é composta por duas *rhêseis*, enunciadas por Menelau e Teucro, e por uma esticomitia entre eles; na cena seguinte, de forma semelhante, Agamêmnon e

1. Agradeço as sugestões e comentários do parecerista anônimo da *PhaoS* e as observações dos participantes da Jornada de Estudos Clássicos “Mito e História no Teatro Greco-Latino” (22-23/05/2003), na qual foi apresentada uma primeira versão deste texto.

Teucro desenvolvem duas *rhêseis*, mas a esticomitia que segue é entre Agamêmnon e Odisseu.²

O apuro formal evidencia a importância do quarto episódio e do êxodo. Todavia, não é fácil identificarmos a função dessa seqüência tendo em vista a peça como um todo.³ Ela parece, em uma primeira aproximação, um anticlímax, lembrando o discutido trecho final dos *Sete contra Tebas*, no qual se discute o que deve ser feito com o cadáver dos filhos de Édipo, especialmente de Polinices, o agressor de Tebas.⁴ No *Ájax*, também o tom empregado pelos contendedores parece realçar a atmosfera anticlimática dos debates, pois ele destoa negativamente em relação ao contexto imediatamente anterior, o suicídio, e o imediatamente posterior, o funeral. Meu propósito, portanto, é o de circunscrever a dicção do episódio envolvendo Menelau e Teucro.

Começamos por Menelau,⁵ cujas palavras, do início ao fim, são menosprezadas pelo seu adversário. Ele mesmo, ao retirar-se de cena (1159-60), declara ser vergonhoso punir através de discursos quando se pode fazer uso da força. O verbo *kolazein* (“punir”) é o mesmo utilizado anteriormente por Teucro para criticar o discurso do adversário: ὀλλ’ ὦνπερ ὄρχεις ὄρχε, καὶ τὰ σέμν’ ἔπη / κόλαζ’ ἐκείνους (“mas quem governas, governa, e com tais palavras grandiosas pune-os”: 1107-08). O adjetivo *semnos* (“grandioso”), aqui substantivado, costuma ser ambíguo no discurso trágico.⁶

2. Tal seqüência evidencia uma característica da peça, qual seja, sua construção elaborada. Segundo Schadewaldt (1991: 210), essa organização arquitetônica distingue o *Ájax* de outras tragédias de Sófocles.

3. Por um lado, não é tão simples afirmar, nas palavras de Schadewaldt (1991: 213), que se trata de uma “Wiederherstellung eines Zerstorten”, a qual seria responsável pela unidade da peça: o primeiro passo de uma ascensão positiva seria o suicídio; o segundo, o funeral. Para Easterling (1993: 10), o enterro no final da tragédia funciona como aglutinador e ápice dos seus mais importantes temas, com o que se apaziguam as dúvidas, levantadas durante toda a tragédia, a respeito do destino final de Ájax. Mais interessante é a opinião de Winnington-Ingram (1980: 59), para quem a segunda parte trata daquilo que devemos pensar quando saímos do círculo estreito de Ájax (honra pessoal, família), presente na primeira parte, para um mundo maior (o exército); tal é, também, a opinião, embora enunciada de forma mais precisa, de Vidal-Naquet (1988: 21). Winnington-Ingram (1980: 61) dá ainda mais um passo, propondo que a dúvida hermenêutica principal seria em torno dos Atridas: “The real difficulty in the closing scene is to understand the Atridae and what they stand for”. Sua conclusão é de que seriam anteparos para Odisseu e para Ájax porque pertencem a outro mundo. Para Poe (1987: 21), ao contrário, o efeito é pífio no que diz respeito ao estatuto de Ájax, mais próximo de uma dicção cômica do que trágica.

4. “Certainly the debate is anti-climactic, and its cacophony contrasts strongly with the sublime pathos of Ajax’ final moments” (Poe, 1987: 19). O autor, por outro lado, tece semelhanças entre o final dessa peça e o das *Traquínias* (p. 19s.).

5. Até esse instante, o que se falou dos Atridas na peça foi mínimo; eles eram, com Odisseu, o objeto primeiro do ódio de Ájax (49, 57, 97). Para os homens de Salamina, os Atridas eram simplesmente ὄφιλοι (“não amigos”: 615). Assim, ao anunciar a entrada de Menelau, o coro o denomina ἐχθρὸν φῶτα... κακοῦργος (“um homem odioso... criminoso”: 1042-43).

6. Como frisa Loraux (1994: 323) a respeito do emprego de *semnos* em uma série de discursos, como a tragédia e a comédia, esse termo “é um qualificativo aparentemente laudatório mas, na verdade, carregado de acordes pejorativos, e toda *semnotês* parece ambivalente, mesmo

Em vista dessas passagens, como podemos levar a sério os argumentos de Menelau para impedir que Ajax seja enterrado, se tanto Teucro quanto ele mesmo, de forma reiterada e incisiva, os desvalorizam? As palavras de despedida de Teucro, aliás, são um reforço dessa série: κάμοι γὰρ αἰσχιστον κλύειν / ἄωδρὸς ματαίου φλαῦρ ἔπη μυθουμένου (“para mim também é muito vergonhoso ouvir um varão idiota enunciando palavras insignificantes”: 1161-62).⁷

Tais passagens sugerem, no entanto, que, nessa cena, se almeja que o ouvinte preste atenção não somente ao conteúdo propriamente dito da fala, mas também à própria ação representada por ela, de modo especial, quando o discurso estiver sendo contraposto a algo que se pretende seja seu antípoda, a violência.

Na sua primeira intervenção, Menelau anuncia o interdito do funeral: οὗτος, σὲ φωνῶ τόνδε τὸν νεκρὸν χεροῖν / μὴ συγκομίζειν, ἀλλ' ἐὼν ὅπως ἔχει (“tu aí, ordeno-te que esse cadáver, com tuas mãos, não leves, mas deixa-o como está”: 1047-48). *Phônō* indica que o rei interliga sua autoridade e sua fala, ou melhor, sua fala é sua autoridade.⁸ Teucro responde-lhe que ele gasta, de um modo ruim, seu discurso (1049). Menelau (1050), por sua vez, retruca-lhe que, na base da sua fala, estão a sua autoridade e a autoridade de seu irmão, Agamêmnon, sendo que a autoridade do segundo é mais visível, pois ele comanda todo o exército. Entretanto, que tal autoridade não é suficiente para conferir valor de verdade ao que está sendo dito, isso é claro tanto na formulação de Menelau, que por duas vezes usa o participio do verbo *dokeō*, participio do qual se valerá Teucro em 1095, onde ele opõe o que é aquilo que meramente parece ser, quanto na exigência de Teucro de que Menelau diga qual a causa do interdito, ou seja, qual o crime que Ajax teria executado (1051). Teucro não se contenta com opiniões, com aquilo que meramente parece bom aos comandantes; ele quer uma ligação contundente entre o que Ajax fez e a ordem dos Atridas. Configura-se, portanto, um problema formado por três vetores: o discurso, a autoridade e os fatos.

Em primeiro lugar, entre fatos e discurso não há nenhuma relação unívoca possível. Para Menelau, por exemplo, o fato básico em questão é que os Atridas, αὐτὸν ἐλπίσαντες οἴκοθεν / ἄγειν Ἀχαιοῖς ξύμμαχόν τε καὶ φίλον, / ἐξήυρομεν ξυνόντες ἐχθίῳ Φρυγῶν (“acreditando conduzi-lo [*scil.* Ajax] de casa como aliado e amigo dos aqueus, descobriram-no, estando juntos, ser

a de um deus”. Loraux lembra que *semnos* é especialmente caro à comédia, o que reforça a tese daqueles que, como Reinhardt (1971) e Poe (1987), pretendem enfatizar o caráter cômico da cena em questão no *Ajax*. A respeito de *semnos* no contexto trágico – particularmente em *Troianas*, de Eurípides –, cf. igualmente Werner (1999: 37-39).

7. Que as palavras de Menelau são insignificantes ou vis, isso também é sugerido por Odisseu em 1323, ao utilizar, novamente, tal vocábulo (*phlaura*), muito embora esteja se referindo a Agamêmnon.

8. A autoridade de *phōnein*, acompanhado de um acusativo, também transparece no verso

mais inimigo do que os frígios”: 1052-54). Contra a estrutura estável que dá forma ao exército aqueu se movimentada o ímpeto sanguíneo de Ajax (1055-61). Por conseguinte, se a ação de Ajax foi de exceção, também será excepcional a medida contra ele, a proibição do seu funeral. Tal medida é executada para que a estrutura do exército permaneça estável. A punição do herói deve servir de exemplo.

Descrevendo-se os fatos desse modo, parece que não há problema no raciocínio de Menelau. Entretanto, ele é pego no contrapé das palavras que utiliza. A formulação de Menelau é repetida e negada na seqüência:

ἀγ', εἶπ' ἅπ' ἀρχῆς ἀνθις, ἧ σὺ φῆς ἄγειν⁹
 τόνδ' ἄνδρ' Ἀχαιοῖς δεῦρο σύμμαχον λαβών;
 οὐκ αὐτὸς ἐξέπλευσεν ὡς αὐτοῦ κρατῶν;¹⁰
 (1097-99)

Eia, fala de novo do início: dizes que conduziste
 esse homem para cá, após tê-lo tomado como aliado dos argivos?
 Não navegou ele mesmo, crendo governar-se a si mesmo?

A repetição e a condensação próprias da tragédia reforçam a especificidade das relações descritas. Não se reproduz a dicção épica,¹¹ mas se faz uma menção a uma distinção corrente na Atenas da segunda metade do século V. De um lado, o que é governado; de outro, o que se governa. *Summakhos*, a partir da guerra contra os persas e da formação de acordos bilaterais envolvendo as cidades helênicas, refere-se cada vez mais àquele que é comandado por outro, ou seja, àquele que, em uma dada situação, não se governa mais a si mesmo.¹² Atenas e os próprios cidadãos de Atenas, a seu turno, governam-se a si mesmos.¹³ Assim, no *Ajax*, não deve surpreender que Teucro recuse, peremptoriamente, a alcunha *summakhos* para Ajax, utilizando o pronome *autos* – duas vezes – e o verbo *krateô* ao anunciar o suposto *status* de seu comandante.

9. Observe-se a assonância do *a* no início de 5 termos.

10. Note-se que o participio com *hôs* não garante a veracidade do que é dito, mas somente a presunção do falante; cf. Smyth (1956: 464).

11. *Summakhos* não aparece em Homero.

12. Aliadas, sob a perspectiva de Atenas, são as cidades que têm obrigações para com ela. Em Tucídides I.97.1, quando se menciona o início desse período histórico, o autor, para frisar que as cidades aliadas continuam autônomas, usa o termo *autonomoi*, pois *summakhos* passou a implicar uma relação que só não supõe desigualdade quando isso é dito explicitamente. Em I.18, Tucídides descreve a situação na Hélade após a guerra contra os persas, quando Esparta e Atenas, que se mostraram as potências mais fortes, começaram a lutar com a ajuda dos seus aliados. Nesse trecho, subentende-se que os aliados subordinam-se aos mais fortes. Tucídides fala em retaliações a aliados dissidentes. No parágrafo seguinte, o autor é ainda mais explícito acerca da relação de subordinação.

13. Cf. Tucídides II.36.3 e 41.1.

Entretanto, *summakhos*, em Sófocles, tanto ao expressar a relação entre aliados político-militares quanto na referência ao auxílio de um deus prestado a um mortal,¹⁴ tem um sentido neutro ou positivo.¹⁵ Portanto, uma desigualdade radical realmente permeia a formulação de Menelau.¹⁶

Sim e não. De um lado, ele pretende que haja um desnível entre os Atridas e Ájax; de outro, fica subentendido, por meio da ligação de *philon* a *summakhon*, que algum tipo de igualdade também condicionava a relação entre os heróis. Ora, tanto a seqüência do discurso de Menelau quanto a resposta de Teucro, que não menciona Ájax como *philos* dos aqueus, sugerem que a combinação entre *summakhos* e *philos* produz um curto-circuito, seja em vista das conotações possíveis de *summakhos* na segunda metade do século V, seja em virtude do restante da fala de Menelau. De fato, o rei espartano enfatiza que, como os Atridas não foram capazes de dominar Ájax enquanto vivia, exercerão o poder sobre ele agora que está morto (1067-68). Na ira obstinada de Menelau evidencia-se seu revanchismo:¹⁷

... οὐ γὰρ ἔσθ' ὅπου
λόγων ἀκοῦσαι ζῶν ποτ' ἠθέλησ' ἐμῶν.
καίτοι κακοῦ πρὸς ἀνδρῶς ἀνδρα δημότην
μηδὲν δικαιοῦν τῶν ἐφεστώτων κλύειν.
(1069-72)

Em nenhum momento,
enquanto vivia, quis ouvir minhas palavras.
Todavia é típico de um homem baixo que, sendo do povo,¹⁸
não julgue justo ouvir os que estão no comando.

Assim, não é somente a ação recente de Ájax que está em julgamento, mas também a independência pretérita do herói, refratário às palavras dos

14. *Summakhos*, quando se refere a uma relação entre um deus e o homem, parece referir-se sempre ao deus como aliado de um mortal (Ésquilo, *Coéforas* 2 e 19; Safo L-P 1.28), de tal forma que, quando um homem pretende ser aliado de um deus (por exemplo, em Eurípides, *Troianas* 969), ele parece estar muito próximo de incorrer em *hubris*; cf. Werner (1999: 79). Atena, no verso 90 do *Ájax*, afirma ser *summakhos* de Ájax.

15. Cf., por exemplo, *Antígona* 923 (sentido positivo), *Traquínias* 1175, *Filoctetes* 1366, *Édipo em Colona* 815 e 1012 e *Édipo Rei* 135 e 274. Em Heródoto, da mesma forma, o termo pode referir-se a uma relação entre iguais; cf., por exemplo, I.69 e 123, III.157 e IX.21. Em VIII.24, Xerxes, ao exortar seus soldados à luta, refere-se a eles como *andres summakhoi*, indicando, aparentemente, que, como combatentes, encontram-se todos no mesmo nível.

16. O verbo *agô*, usado por Menelau no verso 1053 e repetido por Teucro em 1097, pode estar simplesmente referindo-se ao modo como o exército aqueu que rumou contra Tróia foi formado; cf., à guisa de comparação, *Ilíada* XI.769-70 e 781.

17. Cf. Kamerbeek (1963: ad 1069, 1070).

18. Verso cujas singularidades são difíceis de serem mantidas em português; cf. *supra*, nota

Atridas, das quais novamente transparece o peso que lhes atribui Menelau: em 1070, *logôn* e *emôn* estão em posição enfática. Menelau, então, segundo a opinião canônica, qualifica e justifica o comportamento de Ajax chamando-o de *kakos* e, estupidamente, de *dêmotês*.¹⁹ Entretanto, tanto a sintaxe dos versos 1070-71 quanto o significado dos termos empregados burlam qualquer tentativa de apreensão de um sentido unívoco.

Comecemos pela sintaxe. A partícula *kaitoi* (1071), que traduzi por “todavia”, liga uma premissa menor (“Ajax não queria obedecer aos comandos”) a uma premissa maior (“os *kakoi* não obedecem a comandos”).²⁰ Ao mesmo tempo, porém, *kaitoi* pode estar introduzindo uma oração adversativa.²¹ Destarte, podemos ser levados às seguintes conclusões incompatíveis:

1. Ajax não obedeceu, portanto é *kakos* e, conseqüentemente, *dêmotês*.
2. Ajax não obedeceu, mas deveria ter obedecido, pois não era *dêmotês*.

Como resolver essa aporia? O contexto apaga a ambigüidade sintática?

Ajax, no verso 1070, é sujeito do verbo “querer”; *dêmotês*, no verso seguinte, de “julgar justo”. Isso introduz mais um problema: ao passo que o comportamento de Ajax é radicalmente arbitrário, dependente unicamente da sua vontade, o do *dêmotês* é permeado por algum tipo de raciocínio.²² Dessa forma, a separação entre as duas afirmações cresce.

A réplica de Teucro pode auxiliar, retrospectivamente, a dirimir a questão. Ele começa, de fato, abordando o preconceito social:

οὐκ ἄν ποτ' , ἄνδρες, ἄνδρα θαυμάσαιμι ἔτι,
ὅς μηδὲν ἂν γοναίσιν εἶθ' ἁμαρτάνει,
ὅθ' οἱ δοκοῦντες εὐγενεῖς πεφυκέναι
τοιαῦθ' ἁμαρτάνουσιν ἐν λόγοις ἔπη.
(1093-96)

Homens, nunca mais me admiraria do homem
que, sendo nada quanto à sua linhagem, erra,
quando os que acreditam serem nobres
erram com tais palavras nos seus discursos.

19. Cf., por exemplo, Kamerbeek (1963: ad 1071).

20. Cf. Denniston (1950: 563).

21. Cf. Denniston (1950: 556): “*kaitoi* introduces an objection (often couched in interrogative form) of the speaker's own, which tends to invalidate, or cast doubt upon, what he has just said”.

22. Na *Iliada*, Tersites, provavelmente uma espécie de *dêmotês*, brigava contra os reis de uma forma algo desregrada (σὺ κατὰ κόσμον: II.214); a seqüência do poema, porém, revela que alguns dos argumentos que ergue contra Agamêmnon estão corretos, tendo sido usados por Aquiles na sua briga com Agamêmnon.

Teucro pode estar referindo-se a uma possível descrição de Ajax feita por Menelau ou estar pensando no seu estatuto de bastardo, como fará na discussão com Agamêmnon. O objetivo mais claro, porém, é atacar a autoridade do próprio Menelau, que, por um lado, repousa no seu nível social,²³ mas, de outro, é minada pelas suas palavras equivocadas. De fato, Teucro, nessa passagem, em nenhum momento alude explicitamente ao *status* social de Ajax.

Finalmente, o contexto épico. Ajax, de modo algum, é alguém do *dêmos*, já que é um *basileus*. Tal separação, na *Iliada*, é radical.²⁴ Nem na briga entre Aquiles e Agamêmnon nem nas zombarias de incentivo de Agamêmnon no canto IV é enunciado um insulto tão claramente distante da realidade. Assim, o insulto, no *Ájax*, seria mais incisivo, por exemplo, se Menelau dissesse que Ajax, embora fosse um *basileus*, agiu como um *kakos*.²⁵

Os diversos contextos em questão, portanto, parecem indicar que *kakos/dêmotês* não se refere a Ajax. Aliás, um problema suplementar é a relação sintática e semântica entre *kakos* e *dêmotês*. A construção é estranha, o que motivou uma correção por Reiske, adotada por vários filólogos: *onta* no lugar de *andra*, a lição dos manuscritos.²⁶

Dêmotês seria utilizado para precisar o sentido de *kakos*, termo por demais indeterminado nos seus sentidos social e moral?²⁷ Talvez. Todavia, *dêmotês* também carece do contexto para adquirir uma sua determinação, podendo inclusive referir-se a uma preocupação contemporânea, a oposição entre tirania e democracia, preocupação que muito cedo tornou-se um *topos* trágico.²⁸

23. *Dokountes*, em 1095, remete ao verso 1050.

24. Cf., por exemplo, II.196ss.

25. É o que faz Odisseu com os *basilês* pasmos na *Iliada* II.190-91.

26. Cf., por exemplo, Lloyd-Jones (1990). Garvie (1998: ad 1071-72) afirma que “the juxtaposition of the repeated ‘man’ is awkward and pointless, and probably arose from dittography, or from a reminiscence of *Ant.* 690”. Para Kamerbeek (1963: ad 1071), por outro lado, “the succession *andros andra* should not be objected to in a poet of the 5th century”. Stanford (1981: ad 1071) complementa afirmando que “the construction of *andra* etc. is as if something like *kakon esti* had preceded”.

27. Garvie (1998: ad 1071-72) insiste na ambigüidade de *kakos*.

28. Embora não seja usado por Homero, não chega a ser um termo anacrônico, pois já aparece em Tirteu. Entretanto, ao invés de compor uma polaridade na qual ocupa uma posição desfavorável (como na *Iliada* II.198ss.), em Tirteu 4W menciona-se que a ordem política da cidade depende da tríade composta por *basilês*, *gerontes* e *dêmotai andres*. O poder dos homens do povo é considerável, constituindo-se a *rhetra* de Esparta na primeira constituição hoplítica; cf., por exemplo, Murray (1982: 210-13), que também menciona Tirteu como possível modelo para Sólon (p. 235-36). Em Heródoto II.172, por sua vez, o termo se refere a alguém de família pouco conhecida, ou seja, a alguém que não pertence à oligarquia dominante; já em V.11, o termo se opõe a “tirano”, ou seja, indica alguém que não é o governante supremo de uma cidade, mas um homem comum, muito embora possa tornar-se um tirano. Esse uso também aparece nos textos dramáticos. Em *Antígona* 688ss., Hémon menciona a grande distância que separa Creonte daquilo que fazem, dizem e censuram os *dêmotai*, distância lamentada pelo jovem, que se coloca ao

A polissemia de *kakos* e *dêmotês*, portanto, complica o nosso quadro. Se a referência for preponderantemente épica, a oposição entre 1070 e 1071 é acentuada, reforçando o sentido adversativo de *kaitoi*. Todavia, se *dêmotês* adquirir tons mais contemporâneos, a agressão não seria tão violenta, mas teríamos dois problemas suplementares: 1) Ajax, de forma alguma, representa valores democráticos; 2) se Menelau o descrever dessa forma, implicitamente estará descrevendo-se como tirânico, o que, de fato, fará na seqüência.

A impressão geral, portanto, é de imprecisão e indeterminação,²⁹ de sorte que, embora Menelau possa estar tentando defender um regime oligárquico como o de Esparta e censurando o regime democrático, no qual todos os cidadãos poderiam falar igualmente (*isêgoria*), a imprecisão da sua descrição concomitantemente solapa sua defesa.

Durante todo seu discurso, Menelau fala: 1) de si, como detentor de poder, mencionando ou não Agamêmnon; 2) de Ajax; 3) de normas gerais. Se os versos 1062-72 não foram suficientes, 1073-90 deixam claro que Menelau utiliza uma série de lugares comuns, *topoi* da moralidade popular e de discursos correntes a respeito de regimes de governo, como uma moldura para justificar sua mágoa pessoal contra Ajax.

Na segunda parte da sua *rhêsis*, o eixo da argumentação é o equilíbrio instável ou o desequilíbrio eminente de uma armada como a que os helenos formaram para resgatar Helena.³⁰ O coro, em 1045, relembrou que a expedição fora realizada para Menelau; portanto, assim como em Homero, os *basilês* são *philoî*, companheiros na empreitada guerreira que estão, a princípio, no mesmo nível. Dessa forma, não parece que Menelau seja, em primeiro lugar, representante de uma cidade (Esparta) ou de um regime em particular (a oligarquia).

lado do sentimento popular. Em *Íon* 625, Íon diz que a tirania é elogiada em vão; ele prefere viver feliz como *dêmotês*. Cf. também Aristofôfanes, *Paz* 921, Eurípides, *Ifigênia em Áulis* 339-41 e *Suplicantes* 921 – onde Adrasto menciona que o discurso rixoso é uma arma prejudicial nas mãos dos homens do povo e dos estrangeiros – e Sófocles, *Édipo em Colona* 78. No teatro, porém, o termo não é usado, o mais das vezes, anacronicamente, no sentido de “aquele que pertence ao mesmo *demos*”, o que remeteria às práticas democráticas atenienses; cf. Most (1985: 327-29), para quem “in tragedy *dêmotai* are ordinary, subordinate people, not democratic ‘co-citizens’” (p. 329).

29. A indeterminação continua no verso 1072 com *hoi ephestôtes*, termo que também não é técnico, não se referindo a nenhum cargo ou categoria de funções na democracia ateniense.

30. Um contexto épico que pode ser evocado em relação às discussões da segunda parte do *Ájax* é a briga entre Aquiles e Agamêmnon no canto I da *Iliáda*. Lá também as posições se exacerbam, como quando ambos os heróis qualificam o adversário de covarde (173, 225-28) e Agamêmnon sugere que Aquiles é menos poderoso por governar apenas os mirmidões (179-80). Nestor insiste, igualmente, junto a Aquiles, acerca do desnível que há entre ele e Agamêmnon (277-81). Vale lembrar, também, que não sabemos, exatamente, por que, na *Iliáda*, é Agamêmnon quem governa o exército. Em outros relatos épicos tal comando poderia ser melhor explicado, bem como o *status* de seu irmão poderia ser diferenciado. Acerca do *status* de Menelau, cf. Rousseau (1990) e Murari Pires (1999).

Nos versos 1073-74, ele menciona a crença de que os *nomoi*, na cidade, só vingariam caso houvesse *deos*, o que, de forma alguma, era considerado prerrogativa de um regime baseado na desigualdade sócio-política.³¹ Segundo Menelau, o mesmo vale para um exército: para ele ser controlado de forma temperante, é preciso que haja uma barreira, uma proteção formada por *phobos* (“medo”) e *aidôs* (“respeito”) (1075-76). Ora, o par *phobos*³² e *aidôs* é recorrente na épica.³³ Novamente, portanto, o vocabulário de Menelau é ligado, de forma imediata, ao universo épico constitutivo da memória de um espectador do século V; ao mesmo tempo, porém, a condensação da dicção trágica evoca, igualmente, o discurso cívico.

A audiência da peça, portanto, dificilmente condenaria Menelau em virtude do seu arrazoado político e moral. De fato, ele mescla protocolos democráticos, oligárquicos e tirânicos.³⁴ O posicionamento do rei espartano, em grande parte, é o mesmo do Creonte de *Antígona*. Eles não se comportam, *prima facie*, como tiranos, já que pelo menos seu discurso demonstra que se preocupam com o exército (ou a cidade). Menelau, porém, após quase nos convencer de que tem razão, afirma que *πρόσθεν οὔτος ἦν / αἶθων ὑβριστής, νῦν δ' ἐγὼ μέγ' αὖ φρονῶ* (“no passado, esse aí era de uma violência explosiva, mas agora eu penso grande: 1087-88).

Nesse momento, outra vez perdemos o chão. Se Menelau busca uma diferença semântica entre *hubristês* e *mega phroneô*, mais uma vez nos deparamos com a arbitrariedade do sentido pretendido, pois *mega phroneô*

31. Cf. Ésquilo, *Eumênides* 520ss. e 699. Escreve Tucídides em pleno epitáfio (II.373): “mesmo mantendo relações privadas com facilidade, absolutamente não agimos contra a lei (*paranomoumen*) nas questões públicas graças a um medo arrazoado (*deos*), devido à obediência a qualquer um que esteja no poder (*en arkhê*) e às leis (*tôn nomôn*), sobretudo àquelas que foram estabelecidas para o bem dos injustiçados e àquelas que, mesmo sendo não escritas, carregam uma sanção indiscutível.” Segundo Rusten (1989: ad 37.3), “*deos* is here a positive concept of restraint”; o autor, para exemplificar, remete para o trecho do *Ájax* que estamos discutindo. Para Garvie (1998: ad 1073-76), porém, “Menelaus doubtless speaks as a Spartan”; o autor, porém, tenta relativizar seu juízo afirmando que “what revolts us is Menelaus’ application of the principle to the particular case of Ajax, and the context in which he expounds it”.

32. *Phobos*, em Homero, é pânico, de sorte que *phoboumai* pode ser traduzido por “fugir”; são utilizados outros termos referentes a medo ou temor, como *deos*, *deidein* e *tarbein*. Segundo Stanford (1981: ad 1073ss.), em *Ájax* 1076 *phobos* tem aproximadamente o mesmo sentido de *deos*.

33. Cf. os trechos citados por Redfield (1994: 118). Na *Iliada*, em I.331, faz-se referência ao medo e ao respeito diante de um comandante; em VII.93, a perspectiva de um duelo evoca no guerreiro tanto o pudor de não aceitá-lo quanto o medo de aceitá-lo.

34. Nas suas críticas e apanágios, Menelau, tanto quanto Teucro na *résis* seguinte, reproduz vários dos argumentos plasmados no debate das constituições em Heródoto III.80-82. É por isso que os críticos divergem quanto à base política do seu discurso. Vidal-Naquet (1988: 22) e Rose (1995: 73) falam dos Atridas como tiranos; para Winnington-Ingram (1980: 63), de forma semelhante, é o despotismo que marca o discurso. Para Easterling (1984: 1), Menelau representa um regime oligárquico; já para Reinhardt (1971: 50) e Poe (1987: 21), o que caracteriza Menelau é uma ética da *polis*. Para uma crítica de uma vinculação muito estreita de um discurso de uma personagem a uma determinada cartilha política, cf. Griffin (1999: 83-88).

pode ser uma expressão positiva ou negativa.³⁵ Além disso, em Homero, o termo se refere à confiança mesclada ao furor guerreiro no meio da batalha,³⁶ algo bastante distante da atuação de Menelau nesse momento. Portanto, o tiro sai pela culatra, e o discurso não só desmorona graças à imprecisão, mas também devido a infiltrações cômicas.³⁷ O sentido épico aponta para uma desproporção entre a dicção escolhida e a ausência de ação; o sentido ático, para um modo de comportamento que recém foi condenado. Poderíamos pensar que a comicidade é imediatamente abafada pela seriedade da situação – o interdito do funeral –³⁸ e pelo comentário do coro, que acredita poder distinguir, na *résis* de Menelau, de forma nítida, o fundamento composto pelo que é bom do comportamento particular que é ruim (1091-02).³⁹ Entretanto, não deixa de também soar cômica a ameaça final de Menelau: καί σοι προφωνῶ τόνδε μὴ θάπτειν, ὅπως / μὴ τόνδε θάπτων αὐτὸς ἔς ταφᾶς πέσης (“assim, ordeno-te que não o sepultes, a fim de que, tendo-o sepultado, não caias, tu mesmo, em uma sepultura”: 1089-90).⁴⁰ Ameaça vazia, cuja autoridade funda-se na repetição dos significantes (*tonde* e *thaptein*) e na utilização de uma figura retórica de eficácia duvidosa nessa passagem (*thaptōn* – *taphas*).

Resumindo, no discurso de Menelau, não só a quantidade de palavras é excessiva, mas ocorre um excesso de sentido gerado por referências constantes ao passado épico e ao mundo da *polis*. Tal excesso, graças à repetição, concentra a construção do sentido, mas, por outro lado, em virtude do excesso de referências, dispersa-a, o que aponta para a arbitrariedade da alteridade de Menelau e do sentido pretendido por seu discurso. Assim, não surpreende que Teucro passe a conferir um sentido arbitrário às palavras de seu adversário e, mais do que isso, que os próprios argumentos da sua defesa de Ajax também sejam arbitrários.⁴¹

35. Ao passo que *mega phroneō* tem sentido positivo na épica, onde é uma expressão comum, em ático geralmente adquire matizes negativos (“ser presunçoso”); cf. LSJ, s. v. *phroneō*, II.2.b.

36. Por exemplo, na *Iliada*, XI.296 e XIII.156.

37. A comicidade dessa cena lembra a do primeiro diálogo entre Creonte e o guarda na *Antígona*; do segundo, diz-se que é verborrágico (320).

38. Para Poe (1987: 87), durante as duas cenas de briga, respostas emocionais contrárias são instigadas: uma cômica (os debates em si) e outra de terror e respeito (o rito fúnebre).

39. Μενέλαε, μὴ γνώμας ὑποστήσας σοφᾶς / εἴτ' αὐτὸς ἐν θανοῦσιν ὕβριστῆς γένη (“Menelau, após teres estabelecido julgamentos sábios, tu mesmo, entre os mortos, não te tornes desmedido”).

40. Para Kamerbeek (1963: ad 1090), “the words have the character of a grim joke”.

41. Teucro responde a Menelau com outra *résis*. Entretanto, não parece ocorrer aqui o que Mannsperger (1971: 181) destaca valer, dentre os três tragediógrafos, em especial, para Sófocles: “Die Beziehungen zwischen den Rheseis selbst können soweit gehen, dass Rheseis zuweilen eine bis ins einzelne reichende parallele Gliederung aufweisen.” O desequilíbrio entre os discursos se mostra sobretudo na extensão: o de Teucro tem 25 versos; o de Menelau, 48. Mais abaixo, o discurso de Agamémnon terá 37 versos; a resposta de Teucro, 49: a diferença já é consideravelmente menor. Em *Antígona*, por exemplo, no *agōn* entre Antígona e Creonte, a *résis* da primeira tem 20

O eixo da defesa de Teucro é a independência de Ajax em relação aos Atridas. Ela seria verossímil porque, para um público das décadas de 440 ou 430, seria difícil imaginar Esparta e Atenas participando, ambas, de uma coletividade militar. Por outro lado, Menelau, ao pretender, nas palavras de Teucro, comandar Ajax e ser o senhor dos marinheiros de Salamina (1100-2), não se distanciaria, com efeito, de um estrategista ateniense que comandasse soldados de outras cidades da liga de Delos. Claro está que a autoridade de Menelau em relação a Atenas é acentuada se o texto permitir uma identificação forte o suficiente entre a audiência da tragédia e os marinheiros de Salamina,⁴² já que essa ilha funcionaria quase que como uma metonímia de Atenas, pois o poder de ambas repousa sobre a capacidade naval. Nesse caso, Menelau, rei de Esparta, cometeria uma bazófia risível ao pretender querer comandar Ajax e os marinheiros.⁴³

De qualquer forma, a argumentação de Teucro remete para uma contradição que permeia a realidade política na Atenas dessa época: a dicotomia entre a autarquia interna, característica da democracia, e a tirania disfarçada nas relações com as outras cidades.⁴⁴ Tanto essa fissura ideológica, que transparece no texto, quanto o contexto épico não permitem uma vinculação imediata entre a Atenas do séc. V e Ajax. Dessa forma, não precisamos necessariamente concordar com as teses segundo as quais há uma gradual absolvição do herói após a decisão do suicídio.⁴⁵ Não é o texto que força uma vinculação estreita entre Menelau, Esparta (a contemporânea),

versos; a do segundo, 23. Por sua vez, quando debatem, o discurso de Creonte tem 40 versos e o de Hémon, 41. Duas razões principais podem ser referidas para o desnível verificado no *Ájax*. Uma primeira razão é de que a resposta de Teucro precisa ser mais curta porque não há como ele defender Ajax de seu crime; o fato de ele não mencionar esse assunto já foi sublinhado pelo escoliasta. Uma outra razão é uma possível premência pela esticomíia, ou seja, por uma disputa mais direta e acirrada, própria do temperamento de Teucro. De fato, segundo Mannsperger (p. 181), nas tragédias do século V, “das entscheidende Geschehen wird immer mehr von der Rhesis in die Stichomythie verlegt”.

42. Cf. Budelmann (2000: 232), para quem o coro representa o grande grupo composto pela armada grega; “what is more, the Chorus comes close to the Athenian citizen body”. Assim, “for all these reasons the Chorus’s identity brings them as close to Athenian spectators as any chorus in surviving Greek tragedy”.

43. Para Stanford (1981: ad 1102-04), “here Sophocles exploits fifth-century Athenian prejudice against Sparta to increase his audience’s sympathy for Teucer (and Ajax) against Menelaus”; de modo semelhante Rose (1995: 72), para quem Teucro consegue a reabilitação de Ajax por meio da exploração da ameaça espartana à medida que sua fala remeteria à história contemporânea, ou seja, à disputa entre Atenas e Esparta pela hegemonia na Hélade. Para Meier (1988: 221), finalmente, é possível que Sófocles veja em Ajax a relação de Atenas com o resto do mundo.

44. O início desse processo é descrito por Tucídides em I.98-99.

45. Não se deve confundir, porém, reabilitação ou absolvição com engrandecimento. Para Rose (1995: 69) e Schadewaldt (1991: 213), verifica-se uma reabilitação progressiva; para Poe (1987: 17), não. Por sua vez, Poe (42) e Meier (1988: 220) identificam um engrandecimento progressivo.

tiranía e *hubris*,⁴⁶ e sim alguns leitores modernos.⁴⁷ Menelau consegue caracterizar a ação de Ájax como voluntariosa, típica de um *hubristês* e de um *turannos*. Otanes, que, no debate constitucional no livro III de Heródoto, defende o governo do povo, se queixa da *hubris* de quem governa sozinho, ou seja, de quem pode ποιέειν τὰ βούλεται (“fazer o que quer”: III.80.3); para Menelau, quando alguém pode ὑβρίζειν δρῶν θ’ ἄ βούλεται (“ser violento e fazer o que quer”: 1081), a cidade cai. A loucura de Ájax e a sua tentativa de assassinato não mudam de figura com a exploração da aversão dos atenienses pela tirania,⁴⁸ porque não só o comportamento de Menelau, mas também a ação de Ájax, são apresentados como excessivos e arbitrários.

Se, além disso, defendermos a tese de que o texto, mais do que eventuais menções à história contemporânea, busca a recriação de uma atmosfera épica, remetendo, de forma especial, para o conflito estabelecido no canto I da *Iliada*, chegaremos à conclusão de que a ação da peça não desenvolve uma oposição entre vilões e mocinhos.⁴⁹

Isso está presente também no discurso de Teucro, o que acaba por provocar um estranhamento semelhante àquele verificado na *rhêsis* de Menelau.⁵⁰ Mais uma vez, a repetição é a principal marca discursiva, sobretudo a dos termos relativos àquele que manda e à ação de mandar.⁵¹ Entretanto, ainda que Teucro queira, a todo custo, estabelecer quem manda em quem, ele não consegue, por completo, eliminar o *status* distinto de Menelau, já que é sua esposa a causa da guerra. Assim como ocorre com Aquiles na *Iliada*,⁵² Teucro tem dificuldades para explicar as razões pelas quais Ájax participou da guerra. De um lado, ele distingue o herói daqueles que se extenuaram (1112); com isso, porém, coloca em dúvida a própria atividade guerreira de Ájax.⁵³ Por outro lado, querer distinguir entre, de um lado, “Helena” (1111-12), e, de outro, o “juramento” dos seus pretendentes (1113-14) como razões da vinda de Ájax é um preciosismo que não elimina a posição central de Menelau; o juramento, se em um primeiro momento ocorreu em virtude da igualdade dos *philoí*, logo em seguida está ligado à distinção de Menelau,

46. O caso de Pausânias, julgado pelos próprios espartanos ao ser acusado de se comportar mais como tirano do que como estrategista, mas que é considerado inocente quanto às acusações mais graves, mostra até que ponto o estrategista pode ser aproximado do tirano; cf. Tucídides I.94.3-4.

47. Para Rose (1995: 72), a alteridade de Esparta é, no imaginário ateniense, tão radical, que bastaria ser mencionada para que o crime de Ájax parecesse algo menor.

48. É isso, pelo contrário, que defende Rose (1995: 73).

49. Heath (1987: 208), para quem, aliás, tudo costuma ser muito simples, afirma que, no final, nos regozijamos com a vitória dos bons (Ájax, Teucro, Odisseu) e a derrota dos maus (Atridas).

50. Tal estranhamento redundava em modificações propostas pelos filólogos. Muitos seguem Schneidewin, que suprime 1105-6. Reichard e Radermacher, seguidos por Fraenkel, eliminam 1111-17; Wecklein, 1111-14.

51. Por exemplo, o verso 1107, citado *supra*.

52. Cf. I.158-60 e IX.337-39.

53. Acerca da ambigüidade da expressão, cf. Garvie (1998: ad 1111-14).

escolhido como marido por Helena.⁵⁴ É excessivo, portanto, que Teucro diga, em relação a Menelau, que Άjax οὐ γὰρ ἤξιον τοὺς μηδένας (“não honrava os que não são ninguém”: 1144).⁵⁵ Por conseguinte, 1111-17 são versos apropriados para encerrar a fala de Teucro, já que ele, assim como Menelau, também deixa transparecer as falhas da sua argumentação.

Não será por acaso, portanto, que o coro percebe, nas palavras de Teucro, a mesma duplicidade que já identificara no discurso de Menelau: τὰ σκληρὰ γὰρ τοι, κἄν ὑπέδικ' ἦ, δάκνει (“com efeito, palavras rígidas, embora totalmente justas, mordem”: 1119). O coro não questiona a justiça presente naquilo que reivindica Teucro; sua atenção, porém, dirige-se às suas palavras, que, devido à sua rigidez, não permitem, de fato, um diálogo, assemelhando-se a mordidas, ou seja, a uma supressão do outro.

A seqüência do debate é ainda mais surpreendente, constituindo-se, para muitos críticos, em um palavreado vão.⁵⁶ Por certo há uma troca de ofensas vazias, como quando Teucro é desprezado enquanto arqueiro e blasonador, ou quando ele sugere que Menelau é um trapaceiro. Temas importantes, por outro lado, embora não sejam desenvolvidos, são mencionados: a justiça de um enterro para Άjax; a distância entre a atuação de um deus particular como Atena e as “leis divinas”; a dificuldade de se distinguir amigos e inimigos. Mesmo o processo que atribuiu as armas de Aquiles é mencionado novamente.⁵⁷ Entretanto, mais uma vez, ninguém consegue sustentar, com clareza e firmeza, um único argumento. Assim, são emblemáticos os seguintes versos:

Men.: δίκαια γὰρ τόνδ' εὐτυχεῖν κτείναντά με;
Teuc.: κτείναντα; δεινόν γ' εἶπας, εἰ καὶ ζῆς θανάων.
(1126-27)

Men: Pois é justo que ele triunfe, tendo-me morto?
Teucr.: Tendo morto? Dizes algo assombroso se, morto, vives.

O escoliasta, mais perspicaz do que muitos comentadores modernos, percebeu que o tom é antes cômico do que trágico. Depois de Menelau ter debochado da

54. Aquiles, no canto I da *Iliada*, diz que os aqueus vieram até Tróia no esforço de reconquistar a *timê* dos Atridas.

55. Que tal expressão é sinal de desmedida quando dita por um herói em relação aos seus pares, isso transparece nos versos 767-69.

56. Segundo Holt (1981: 282), todo o debate entre Teucro e Menelau é “mere wrangling”; para Poe (1987: 21), as duas cenas de briga envolvendo Teucro serviriam apenas para “portray petty malice and vulgarity”.

57. Conforme Blundell (1989: 92-93), o ataque de Teucro é bastante fraco; ele não consegue sustentar nada. Além disso, recua de uma reivindicação da justiça divina para uma justificação da vingança de Άjax, supostamente vítima de uma fraude.

língua de Teucro,⁵⁸ é a vez de Teucro retrucar que as palavras não mais servem para figurar a realidade (1127). Não se debate a realidade e os fatos, mas as palavras do outro. Em um tal duelo, como devemos julgar Teucro e Menelau?

Em primeiro lugar, não é óbvio que Teucro seja um sucedâneo de Ajax.⁵⁹ O irmão não precisa de um substituto para ser lembrado pela audiência, já que seu cadáver, presente em cena, é um signo bastante loquaz. O cadáver, aliás, é destacado quando, antes do terceiro estásimo, Eurísauques posiciona-se junto a ele como suplicante.

Em segundo lugar, é improvável que haja um vitorioso no debate,⁶⁰ o que ocorre justamente porque, para os problemas levantados pela discussão – sobretudo para os relacionados à natureza e ao exercício do poder –, não se encontram soluções unívocas. Sim, Menelau, rebaixa-se ao digladiar verbalmente com Teucro, mas é ele quem decide interromper a diatribe.⁶¹ Sim, Menelau exagera na punição que pretende infligir a Ajax,⁶² mas esse, de fato, agiu de forma criminosa. Não é necessário ficarmos nem do lado de Teucro nem do lado de Menelau, por mais significativa que seja a presença do cadáver. Somos obrigados a perceber que não é fácil decidir quem está com a razão, embora tendamos a achar justo que Ajax seja enterrado.

Assim, não surpreende que Menelau conclua sua participação com um arremedo de um *ainos*. Mais uma vez, porém, o tom é cômico, já que o *ainos* está em casa em outros discursos, como no jambo e na comédia.⁶³ Mais uma vez, a ênfase é no próprio valor da palavra:

58. μέγ' ὄν τι κομπόσειας, ὀσπίδ' εἰ λόβοις (“jactar-te-ias esplendidamente, se tivesses um escudo”: 1122); ἡ γλῶσσα σου τὸν θυμὸν ὡς δεινὸν τρέφει (“tua língua alimenta teu espírito assombroso”: 1124).

59. Segundo Reinhardt (1971: 58), Teucro também se opõe a Ajax. Para Winnington-Ingram (1980: 61), Teucro é um substituto deficiente (“poor”) de Ajax, já que ele não vai ao extremo. O Teucro de Heath (1987: 198-99), por outro lado, é mais positivo; para o autor, ele chega a ser o centro do interesse dramático da segunda parte da peça (207). Para Rose (1995: 72), Teucro representa o que Ajax tem de bom no seu enfrentamento louco contra o que é tirânico.

60. Heath (1987: 202) acredita que Teucro realiza uma acachapante vitória retórica.

61. Poe (1987: 25) também enfatiza que Menelau reconhece o absurdo do debate e o interrompe, mas destaca que a ameaça que segue também é vazia.

62. Como nota Parker (1996: 43-44), segundo as leis não escritas, “even the body of an enemy should be given up after battle for burial”. Entretanto, o autor também lembra que “the obligation to grant burial was never absolute”; ele cita como exemplos o ladrão de templos e o caso de Antífonte, que não se permitiu fosse enterrado em território ateniense. Parker, assim, supõe que seria feita uma diferença entre o inimigo que deveria ser enterrado (por exemplo, Polinices, na *Antígona*) e o homem vil (por exemplo, o traidor). Quanto ao Ajax, o autor sublinha que não se faz nenhuma menção a um possível sacrilégio de conseqüências funestas caso ele não fosse enterrado (p. 44).

63. Cf. Aristófanes, *Lisístrata* 781-820.

ἤδη ποτ' εἶδον ἄνδρ' ἐγὼ γλώσση θρασὺν
 ναύτας ἐφορμήσαντα χειμῶνος τὸ πλεῖν,
 ᾧ φθέγμ' ἄν οὐκ ἐνηῦρες, ἦνικ' ἐν κακῷ
 χειμῶνος εἶχετ', ἀλλ' ὑφ' εἵματος κρυφαίως
 πατεῖν παρείχε τῷ θέλοντι ναυτίλων.
 οὕτω δὲ καὶ σὲ καὶ τὸ σὸν λάβρον στόμα
 σμικροῦ νέφους τάχ' ἄν τις ἐκπεύσας μέγας
 χειμῶν κατασβέσειε τὴν πολλὴν βοήν.
 (1142-49)

Eu já vi, uma vez, um homem audacioso na língua
 incentivando seus nautas a navegarem na tempestade,
 do qual não acharias a voz quando estivesse
 no centro da tempestade, mas, sob o manto escondido,
 permitiria, a quem dos nautas quisesse, pisoteá-lo.
 Assim também a ti e à tua boca violenta,
 de uma pequena nuvem talvez soprando, uma grande
 tempestade extinguiria tua muita gritaria.

É curioso que Menelau mencione, na sua fábula, um comandante que se humilha quando a tempestade aperta, mas, ao se referir explicitamente a Teucro, diga que a tempestade que irá extinguir Teucro seja oriunda de uma “pequena nuvem”. Isto é mais uma demonstração da inépcia do rei na utilização do discurso ou ele está sendo irônico, já que Teucro dissera que é Agamêmnon e Menelau que têm voz de comando?

Teucro, por sua vez, desvela a opacidade do emprego do *ainos* e da sua moral ao desconstruir a própria forma do *ainos*:

ἐγὼ δὲ γ' ἄνδρ' ὄπωπα μωρίας πλέων,
 ὃς ἐν κακοῖς ὕβριζε τοῖσι τῶν πέλας.
 κατ' αὐτὸν εἰσιδὼν τις ἐμφορῆς ἐμοὶ
 ὀργήν θ' ὁμοίως εἶπε τοιοῦτον λόγον,
 'ἄνθρωπε, μὴ δρᾷ τοὺς τεθνηκότας κακῶς·
 εἰ γὰρ ποιήσεις, ἴσθι πημανούμενος.'
 τοιαῦτ' ἄπολβον ἄνδρ' ἐνουθέτει παρών.
 ἄρῳ δὲ τοῖ νιν, κάστιν, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ,
 οὐδέεις ποτ' ἄλλος ἢ σύ. μῶν ἠνιξάμην;
 (1150-58)

E eu vi um homem pleno de estupidez,
 o qual é desmedido contra quem padece perto.
 Mirando-o, alguém semelhante a mim
 e, na tẽmpera, homólogo, falou tal discurso:
 'Homem, não faças mal aos mortos.
 Se fizeres, saibas que sofrerás.'
 Desse modo advertiu, junto a ele, o homem desventurado.
 E eu o vejo, e ele é, como me parece,
 ninguém outro que tu. Estou falando por enigmas?

Mais uma vez explicita-se que tudo gira em torno do valor do discurso. Teucro defende a possibilidade do discurso claro, unívoco e direto, ou seja, em oposição a um enigma. Entretanto, justamente quando tal possibilidade é enunciada, a palavra dá lugar à força e o discurso é totalmente desvalorizado.⁶⁴

Assim, de modo geral, a cena que examinamos revela que parece próprio das formas de poder e de suas bases ideológicas depararem-se com problemas insolúveis, caso se quiser conferir precisão aos protocolos que as definem.⁶⁵ A especulação não chega a levar muito longe; somente a paixão seria responsável pela ação. Nesse momento do *Ájax*, a autoridade e o sentido vêem desaparecer seus fundamentos, ou seja, são percebidos como arbitrários, o que, em grande parte, está em consonância com os dois últimos grandes discursos de *Ájax*, sobretudo se lidos em conjunto. Se a autoridade e o sentido, porém, têm um fundamento outro que a força, isso só o restante da tragédia pode tentar responder.

BIBLIOGRAFIA

- BLUNDELL, M. (1989) *Helping friends and arming enemies: a study in Sophocles and Greek ethics*. Cambridge.
- BUDELMANN, F. (2000) *The language of Sophocles: communality, communication and involvement*. Cambridge.
- DENNISTON, J. D. (1950) *The Greek particles*. 2. ed. Oxford.
- EASTERLING, P. E. (1993) “Tragedy and ritual”. In: SCODEL, R. (org.) *Theater and society in the classical world*. Ann Arbor.
- GARVIE, A. F. (1998) *Sophocles: Ajax* (introdução, tradução, comentário). Warminster.
- GRIFFIN, J. (1999) “Sophocles and the democratic city”. In: GRIFFIN, J. (ed.) *Sophocles revisited: essays presented to Sir Hugh Lloyd-Jones*. Oxford.
- HEATH, M. (1987) *The poetics of Greek tragedy*. Londres.
- HOLT, P. (1981) “The debate scenes in the *Ajax*”. *AJP* 102: 275-88.
- KAMERBEEK, J. C. (1963). *The plays of Sophocles*. Parte I: “The *Ajax*”. 2. ed. Leiden.
- LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. (1990) *Sophocles: Tragoediae*. Oxford.
- LORAUX, N. (1994) *Invenção de Atenas*. São Paulo.
- LSJ = LIDDEL, H. G. & SCOTT, R. (1996) *A Greek-English lexicon*. Revisão e aumento de H. S. JONES. Com suplemento revisto. Oxford.
- MANNSPERGER, B. (1971) “Die *Rhesis*”. In: JENS, W. *Die Bauformen der Griechischen Tragödie*. München.
- MEIER, C. (1991) *De la tragédie grecque comme art politique*. Paris. (1. ed. alemã: 1990)

64. Odisseu, de forma semelhante, encerra sua censura a Tersites, na *Iliada*, com ameaças violentas e golpes (II.258-69).

65. Desse modo, não se trata apenas de uma oposição, como quer Segal (1995: 17), entre o individualismo aristocrático e a necessidade democrática a marcarem perspectivas complementares e contraditórias.

- MOST, G. W. (1985) "Pindar, *Nemean* 7.64-7". *GRBS* 26: 306-31.
- MURARI PIRES, F. (1999) "Menelau, o herói segundo". In: *Mi.história*. São Paulo.
- MURRAY, O. (1982) *Das frühe Griechenland*. München. (1. ed. inglesa: 1980)
- PARKER, R. (1996) *Miasma: pollution and purification in early Greek religion*. Oxford.
- POE, J. P. (1987) *Genre and meaning in Sophocles' Ajax*. Frankfurt am Main.
- REDFIELD, J. M. (1994) *Nature and culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. 2. ed. Durham. London.
- REINHARDT, K. (1971) *Sophocle*. Paris. (1. ed. alemã: 1933)
- ROSE, P. W. (1995) "Historicizing Sophocles' *Ajax*". In: GOFF, B. E. (org.) *History, tragedy, theory: dialogues on Athenian drama*. Austin.
- ROUSSEAU, P. (1990) "Le deuxième Atride: le type épique de Ménélas dans l'*Iliade*". In: MACTOUX, M.-M & GENY, E. (org.) *Mélanges P. Lévêque* 5. Paris.
- RUSTEN, J. S. (1989) *Thucydides: the Peloponnesian war. Book II*. Cambridge.
- SCHADEWALDT, W. (1991) *Die griechische Tragödie*. Frankfurt am Main.
- SEGAL, C. (1995) "Drama and perspective in *Ajax*". In: *Sophocles' tragic world: divinity, nature, society*. Cambridge (Mass.), London. (1. ed. do art.: 1989-90)
- SEIDENSTICKER, B. (1971) "Die Stichomythie". In: JENS, W. (org.) *Die Bauformen der griechischen Tragödie*. München.
- SMYTH, H. W. (1956) *Greek grammar*. Cambridge (Mass.).
- STANFORD, W. B. (1981). *Sophocles Ajax* (introdução, texto, comentário). Bristol.
- VIDAL-NAQUET, P. (1993) "Ajax ou a morte do herói". *Filosofia Política* 7: 9-30. (1. ed. francesa: 1988)
- WERNER, C. (1999) *Troianas, de Eurípides: estudo e tradução*. São Paulo. (Dissertação de Mestrado)
- WINNINGTON-INGRAM, R. P. (1980) *Sophocles: an interpretation*. Cambridge.

